



COLEÇÃO JORGE AMADO

Conselho editorial

Alberto da Costa e Silva

Lilia Moritz Schwarcz

Coordenação editorial

Thyago Nogueira

O país do Carnaval, 1931

Cacau, 1933

Suor, 1934

Jubiabá, 1935

Mar morto, 1936

Capitães da Areia, 1937

ABC de Castro Alves, 1941

O cavaleiro da esperança, 1942

Terras do sem-fim, 1943

São Jorge dos Ilhéus, 1944

Bahia de Todos os Santos, 1945

Seara vermelha, 1946

O amor do soldado, 1947

Os subterrâneos da liberdade

Os ásperos tempos, 1954

Agonia da noite, 1954

A luz no túnel, 1954

Gabriela, cravo e canela, 1958

De como o mulato Porciúncula descarregou seu defunto, 1959

Os velhos marinheiros ou O capitão-de-longo-curso, 1961

A morte e a morte de Quincas Berro Dágua, 1961

Os pastores da noite, 1964

O compadre de Ogum, 1964

As mortes e o triunfo de Rosalinda, 1965

Dona Flor e seus dois maridos, 1966

Tenda dos Milagres, 1969

Tereza Batista cansada de guerra, 1972

O gato malhado e a andorinha Sinhá, 1976

Tieta do Agreste, 1977

Farda, fardão, camisola de dormir, 1979

O milagre dos pássaros, 1979

O menino grapiúna, 1981

A bola e o goleiro, 1984

Tocaia Grande, 1984

O sumiço da santa, 1988

Navegação de cabotagem, 1992

A descoberta da América pelos turcos, 1992

Hora da Guerra, 2008

farda, fardão,
camisola de dormir
fábula para acender
uma esperança

JORGE AMADO



Posfácio de Alberto da Costa e Silva

Copyright © 2009 by Grapiúna — Grapiúna Produções Artísticas Ltda.

1ª edição, Record, Rio de Janeiro, 1979

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Consultoria da coleção Ilana Seltzer Goldstein

Projeto gráfico Kiko Farkas e Mateus Valadares / Máquina Estúdio

Pesquisa iconográfica do encarte Bete Capinan

Imagens © Luiza Chiodi / Companhia Fabril Mascarenhas (chita);
© Zélia Gattai Amado / Acervo Fundação Casa de Jorge Amado (orelha).
Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens
deste livro. Nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar
as fontes, caso se manifestem.

Cronologia Ilana Seltzer Goldstein e Carla Delgado de Souza

Preparação Isabel Jorge Cury

Revisão Marise Leal e Huendel Viana

Texto estabelecido a partir dos originais revistos pelo autor. Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amado, Jorge, 1912-2001.
Farda, fardão, camisola de dormir : fábula para acender uma
esperança / Jorge Amado ; posfácio de Alberto da Costa e Silva. —
São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

ISBN 978-85-359-1526-6

1. Ficção brasileira 1. Costa e Silva, Alberto da. II. Título.

09-07781

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

Diagramação Estúdio O.L.M.

Papel Pôlen Soft

Impressão e acabamento RR Donnelley

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

Para Zélia, revivendo sua infância na Pedra do Sal.

Para minhas irmãs Fanny, Lu e Misette.

À memória de Afrânio Peixoto e Antônio da Silva Melo.

Para Alceu Amoroso Lima e João Condé que
conhecem as histórias daqueles tempos





...a glória que fica, eleva, honra e consola.

(Machado de Assis, sobre a Academia Brasileira de Letras)

Quelle connerie, la guerre!

(Jacques Prévert, *Barbara*)

Heil Hitler!

(saudação bastante usada na época)

No pasarán!

(palavra de ordem de La Pasionaria na guerra da Espanha, retomada pelo velho acadêmico Evandro Nunes dos Santos)

ESTA FÁBULA CONTA COMO DOIS VELHOS LITERATOS, ACADÊMICOS E LIBERAIS, partiram em guerra contra o nazismo, a ditadura e a prepotência. Toda e qualquer semelhança com tipos, organizações, academias, classes e castas, figuras e sucessos da vida real será pura e simples coincidência, pois a anedota é produto exclusivo da imaginação e da experiência do autor. Reais são apenas a ditadura do Estado Novo com a Lei de Segurança, a máquina de repressão, as prisões cheias, as câmaras de tortura e o obscurantismo, e a Segunda Grande Guerra Mundial, desencadeada pelo nazifascismo, em seu pior momento, quando se dava tudo por perdido e a esperança fenecia.





I

EXECUÇÃO DO
POETA ANTÔNIO BRUNO,
OCORRIDA EM
CONSEQUÊNCIA DA QUEDA
DE PARIS,
DURANTE A SEGUNDA
GUERRA MUNDIAL

O SONETO QUE NÃO FOI ESCRITO

O POETA ANTÔNIO BRUNO FALECEU, VÍTIMA DE FULMINANTE ENFARTE — o segundo em curto prazo —, a 25 de setembro de 1940. A manhã luminosa, de atmosfera límpida e temperatura amena, trouxera-lhe à memória outra manhã assim, diáfana, entrando pela claraboia, iluminando o estúdio parisiense, envolvendo, rósea e transparente camisola, o corpo nu da mulher adormecida. Visão digna de um soneto, pensara, mas não o escrevera pois a moça despertou e estendeu-lhe os braços.

Ao recordar, tomou do papel e da caneta, e com sua bela caligrafia quase desenhada traçou no alto da página o que deveria ser certamente o título de um poema de amor: “A camisola de dormir”. A lembrança tornou-se dolorosa, a saudade cruciante, ai, nunca mais! O poeta não teve tempo para um verso sequer: levou a mão ao peito, arriou a cabeça em cima do papel, abriu vaga na Academia Brasileira.

O primeiro enfarte o acometera exatamente três meses antes, ao escutar, num programa de rádio, a notícia da queda de Paris.

UMA BATALHA, ÁRDUA E SANGRENTA

UMA BATALHA, SIM, E QUE BATALHA! — AFIRMAVA, ANOS DEPOIS, MESTRE Afrânio Portela que, com a idade, se fizera categórico. Por ocasião dos comentados sucessos, argumentara com o caráter mundial da guerra: nela estamos todos envolvidos, dissera, o campo de luta não tem limites de nenhuma espécie, geográficos ou militares; qualquer arma é útil e própria, e a menor vitória acende uma esperança.

Com o decorrer do tempo, octogenário de prosa envolvente e

sedutora, de língua solta, conversador sem igual, acentuou-se nele a tendência a ampliar o alcance do acontecido e dos ensinamentos resultantes, proclamando-se, meio a sério meio a caçoar, membro atuante da Resistência Francesa, dos maquis, chefe guerrilheiro — e assim agiu, ao que parece.

Assim teriam agido, aliás, ele e o desabusado professor Evandro Nunes dos Santos, seu comparsa na conspiração e, conforme testemunho do próprio Afrânio, o mais afoito e implacável na segunda fase das operações:

— Eu já me dera por satisfeito, considerando que tínhamos alcançado nosso objetivo, mas Evandro não se conformou, com ele era tudo ou nada.

Mestre Afrânio Portela não esquecia de acrescentar que essa batalha, na qual tinham sido derrotadas as forças internacionais do nazifascismo e as forças nacionais da reação e da prepotência, fora não apenas árdua mas também sangrenta.

A CONTINGÊNCIA HISTÓRICA

BATALHA, UMA SIMPLES ELEIÇÃO? PLEITO, ALÉM DO MAIS, reduzido a uma corporação, a estrito número de eleitores, apenas trinta e nove, os trinta e nove acadêmicos vivos.

Sem querer obscurecer o alcance e a monta da eleição de um novo membro da Academia Brasileira de Letras, assunto de repercussão na imprensa e nos meios intelectuais, dado o inegável ainda que discutido prestígio da entidade, deve-se convir que se tratava de evento de limitado porte num tempo de sucessos históricos imensos e terríveis, pois ocorreu em plena Segunda Guerra Mundial, no ano de 1940, ou seja, quando as tropas vitoriosas da Wehrmacht vinham de dominar a França e a Luftwaffe arrasava cidades e campos da Inglaterra. Para muitos, para a maioria

talvez, a derrota das nações democráticas fizera-se irremediável, o colapso total não tardaria — questão de muito pouco tempo. Hitler anunciava um milênio de dominação nazista, ingressávamos nele. Tempo de medo e de desesperança.

Mil anos, quantas gerações de escravos? Os aviões alemães cobriam os céus de Londres, em bombardeio contínuo, os tanques invasores ocupavam o território dos países da Europa, a Polônia desaparecera do mapa, não mais se ouviam valsas de Viena nem se pronunciava o nome imperial da Áustria, na velha torre de Praga tremulava a bandeira da suástica e no peito dos judeus a estrela de davi era uma flor de sangue. Sangue e lama, terror e vilania, protetorados e protetores, a Gestapo, os SA e os SS, os campos de concentração, as câmaras de gás, a ignomínia e a morte. Tempo do medo e da desesperança. Tempo de desespero.

No Brasil, sob a Constituição totalitária do Estado Novo, na vigência do estado de guerra, reflexo das vitórias do Eixo, a repressão atingira seu momento de maior brutalidade e obscurantismo. O idílio com a Alemanha nazista determinava a política governamental: completa censura da imprensa, a famigerada Lei de Segurança e seu tribunal de condenações, nenhuma garantia individual, nenhum direito, nenhuma liberdade, o poder de polícia exercendo-se absoluto, sem qualquer restrição. Nas penitenciárias, nas colônias correcionais, nos porões das diversas polícias os presos políticos e a tortura.

Na hora exata em que o acadêmico Lisandro Leite telefonou, alvoroçado, ao coronel Agnaldo Sampaio Pereira para comunicar a fúnebre e grata notícia da morte do poeta Bruno, telefonema que deu início à movimentação de forças, o ferroviário Elias, também conhecido por Profeta, nome de guerra, estava suspenso no ar, pendurado pelos escrotos, no quartel da Polícia Especial. Atletas daquela corporação de choque, baluartes do régimen, queriam que Profeta, preso dois dias antes, citasse nomes, revelasse endereços e ligações. Curiosamente, algumas estrofes de um poema recente, lido em sua cópia mimeografada, concor-

riam para o obstinado silêncio do prisioneiro, sustentavam-no na prova atroz. Não sustentaram, porém, o poeta Antônio Bruno, que as escrevera, não lhe deram forças para superar o desalento e o desespero.

Diante de tão patético panorama, como levar a sério simples eleição acadêmica, emprestar-lhe outro significado além das furticas e falatórios habituais? Eleitores ilustres, é claro, personalidades exponenciais na vida cultural do país, a imortalidade, o título, o fardão, tudo isso concorre para que a disputa de vaga na Academia Brasileira de Letras seja episódio de ressonância nacional, por vezes motivo de áspera competição. Mas daí a transformar-se em luta sem quartel entre o nazismo triunfante e as debilitadas forças democráticas, vai considerável distância.

Assim aconteceu, no entanto. Mestre Afrânio Portela não mentiu nem exagerou ao falar em batalha e ao referir-se a uma luz de esperança. Quanto ao outro velho literato, autor de alguns ensaios fundamentais sobre a realidade e o homem brasileiros, notáveis pelo conhecimento dos assuntos, pela originalidade do pensamento e pela ousadia das afirmações, Evandro Nunes dos Santos, sendo extremamente individualista, levou o combate às suas últimas consequências. Tinha horror a qualquer espécie de arbítrio e de mando, a ponto de evitar o uso do fardão acadêmico, preferindo comparecer de casaca às sessões solenes. Casaca que ia muito bem com sua consciência civilista e com o seu físico de setentão alto e magro, as mãos ossudas e as sobrancelhas bastas.

PERFIL DO HEROICO CORONEL

DESAGRADÁVEL MESMO FOI QUANDO O CORONEL, TENDO COMEÇADO A FOLHEAR as provas tipográficas, perdeu a cabeça e deixou de representar. Até então, a

entrevista decorrera numa atmosfera pesada porém suportável; tampouco se pretende ambiente cordial, troca de amabilidades, gentilezas e sorrisos num encontro entre o chefe do Sistema de Segurança da ditadura do Estado Novo e um reles jornalista subversivo, suspeito de pertencer ao Partido Comunista e escarradamente judeu.

O rosto descomposto pela ira, nos olhos a fulguração amarela dos sectários, o coronel tornou-se ameaçador e imprevisível. Agitou o punhado de provas diante da cara magra do indivíduo assustado no outro lado da mesa. No outro lado da trincheira, sendo como era o gabinete do coronel um campo de batalha. A voz rompeu-se em falsete, esganiçada:

— Cínico! Atreve-se a afirmar que esse pasquim não é comunista! Que acha que eu sou? Um imbecil? — Um soco na mesa, um obus ou uma granada.

Em geral, a voz do coronel ressoa redonda, declamatória, bem empostada, voz de comando. Seja quando afirma verdades a seu ver indiscutíveis, seja quando as palavras, no ardor da polêmica, estalam na face do antagonista com a violência de bofetadas. Voz e gestos medidos, pose de líder. Acontece, porém, o coronel descontrolar-se e lá se vai água abaixo a imagem do comandante audaz e sereno, duro e competente, impávido. Do imperturbável e heroico coronel Agnaldo Sampaio Pereira, o famoso (e famigerado) coronel Sampaio Pereira.

Homem de ação e de pensamento, provado na luta (na guerra, corrige ele, na guerra sem trégua contra os inimigos da pátria), autor aplaudido de mais de uma dezena de livros, cinquentão bem conservado, moreno ligeiramente queimado na cor. Pouco antes, ao ouvi-lo proclamar a superioridade da raça ariana — “Nós, os arianos, tomaremos as rédeas do universo e o cavalgaremos...” —, o jornalista Samuel Lederman, apesar da incômoda posição em que se encontrava, em vez de admirar e aplaudir o lavoura e a pujança da frase, não pôde impedir desrespeitoso e temerário devaneio: qual a porcentagem de sangue negro nas veias azuis do nobre ginete do universo? Quanto ao nariz enérgico porém adunco e ao sobrenome

Pereira, não acusavam por acaso rastro de cristão-novo, de avoengo semita, convertido a ferro e fogo pela Santa Inquisição? (“Tu és um pervertido, Samy”, repetia-lhe Da, enrodilhando-se a seus pés.) Sígilosa injúria, ainda bem, pois de nada adiantaria querer discutir a intrínseca qualidade ariana do coronel.

Sim, porque mesmo sendo ele, com tamanha evidência, brasileiro de muitas gerações e múltiplas misturas de sangue, ao afirmar-se ariano fazia-o com absoluta convicção. Escrevera alentando volume, *Por uma civilização ariana nos trópicos — Ensaio de brasiliade*, exaltado pelos jornais de direita e cuja adoção nos ginásios oficiais, na cátedra de educação moral e cívica, lhe garantia sucessivas tiragens e pingues direitos de autor.

Algumas mulheres achavam-no bonito, admirando-lhe os ombros largos, o passo firme, o cabelo negro bem assentado, lustroso de brilhantina, o perfil enérgico sob a túnica impecável. Visto de relance, lembrava certo ator norte-americano, coqueluche da época. Aliás, tinha algo de ator, pois na celebrada postura de chefe inflexível, dotado de inteligência viva, de mente perspicaz, intransigente, desumano se necessário, na defesa das convicções inabaláveis, havia, com certeza, elementos de composição, visíveis na empostação da voz, no acento oratório presente nas frases mais corriqueiras, e no olhar inquisidor, capaz de ler nas consciências culposas. O olhar custava-lhe real esforço, constante atenção, já que possuía um par de olhos redondos, habitualmente inexpressivos, ingênuos, sem malícia.

Certos jornais, ao citar-lhe o nome, precediam-no de adjetivos marcantes e marciais — bravo, denodado, intrépido. Sobretudo a partir da tarde em que o então tenente-coronel Sampaio Pereira, à testa dos batalhões da Polícia Especial e dos choques da Delegacia de Ordem Política e Social, enfrentara e vencera nas ruas do Rio de Janeiro, capital da República, ululante e ameaçadora malta de agitadores armados até os dentes com ferozes palavras de ordem, gritos e punhos erguidos, em passeata de protesto contra a entrega pelo Itamaraty dos próprios da Embaixada da Tchecoslováquia às autoridades da Alemanha nazista, após o

Pacto de Munique e a ocupação de Praga. Histórica derrota das forças da subversão, determinando o fim das manifestações de massa durante longo período.

Homem de ação, igualmente homem de pensamento com vasta obra de teórico a conquistar-lhe títulos e louvores no campo das letras: “um dos mais copiosos e atuantes escritores de sua geração, fecundo pensador político, ensaísta de voo pinacular” e por aí afora. Seus livros faziam a apologia e a propaganda dos regimenes fortes, analisavam a decadência e a podridão das democracias, denunciavam o monstruoso perigo comunista.

Os primeiros ensaios, os escrevera ainda membro da Câmara dos Quarenta, ardoroso militante da Ação Integralista. Quando o golpe de 1937 dissolveu os partidos políticos, ele dessolidarizou-se do integralismo, afirmado em artigo: “O Estado Novo significa a aplicação na prática da doutrina, dos ideais integralistas, não cabendo assim a existência de uma estrutura partidária, desnecessária e, a rigor, dúplice e provocativa”. Por ocasião da intentona de 1938, Sampaio Pereira se manteve fiel ao governo e não teve dúvidas em mandar prender antigos correligionários. Os últimos volumes publicados propunham-se a servir de base ideológica para o Estado Novo, ameaçado, na pureza dos princípios totalitários e na férrea disciplina, pela comprovada incapacidade do povo brasileiro de levar a sério as grandes ideias e de reconhecer os grandes homens, explicação fornecida por ele próprio ao jornalista Samuel na primeira parte da entrevista:

— ...fraquezas, perversões, tibiezas de caráter, desgraças devidas à mestiçagem... — tinha horror à mestiçagem.

Segundo-tenente, recém-saído da Escola Militar, escrevera versos românticos e os reunira em raquítico volume. Não detendo então o novel poeta qualquer poder, os críticos da época desconheceram ou malharam o opúsculo. Nem sequer mestre João Ribeiro, tão generoso com os estreantes em seu rodapé semanal, conseguiu encontrar naquelas páginas nada além de “rimas baratas e pífios sentimentos”. Contudo, anos depois, quando Sam-

paio Pereira abandonou a poesia pelo ensaio político, o mesmo velho crítico lastimou o acontecido: “...antes houvesse persistido em massacrar a métrica e a rima, pois ameaça agora, em prosa chinfrim, a nação e o povo, a liberdade e o futuro”.

Como se comprova, ao lado de tantos admiradores incondicionais e servis, tinha o coronel detratores que não lhe perdoavam nem a ação pública nem a literatura. Acusavam-no de coveiro da democracia e dos direitos humanos, de desmoralizar a farda que vestia, colocando-a a serviço da reação policial, de chefe nacional da Quinta-Coluna, de comandar a repressão política e ordenar torturas, de importar técnicos da Gestapo: diziam-no candidato a gauleiter de Hitler no Brasil.

Orgulhava-se o coronel tanto dos louvores quanto dos ataques. Cobriam-no de loas e louros os “patriotas comprovados, cerne do novo Brasil”; os insultos e vilipêndios provinham da “canalha liberal e comunista”.

ORDENS SUPERIORES

— ORDENS SUPERIORES, MEU CARO, NÃO DEPENDE DE MIM, NADA POSSO FAZER...

Quando o diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda transmitiu a notícia da cassação do registro da revista e lastimou não poder ajudar, completando a explicação com um gesto significativo, Samuel Lederman nem assim se deu por vencido, decidiu dirigir-se diretamente ao coronel Sampaio Pereira. Dele viera a ordem, tentaria convencê-lo a mudar de opinião. (“Tu não tens jeito, Samy, vais morrer acreditando em milagres”, e Da balançava a cabeça de encaracolados cabelos castanhos.)

“Nosso Goebbels caboclo é uma besta”, considerou o diretor do DIP referindo-se ao coronel, mas, fazendo-lhe justiça e revelando certo temor, acrescentou: “uma besta sanguinária. Cuidado, para não ir parar na cadeia”. Samuca recordou os dias passa-

dos nos porões da polícia política, durante a razia do ano anterior, centenas de pessoas presas por ocasião da entrada em Praga das tropas alemãs. Ficara com mais de cinquenta detidos, apinhados numa cela onde mal caberiam vinte, sem banho, sem cama, revezando-se para dormir sobre o cimento molhado, a comida repugnante servida uma vez por dia, a fedentina permanente: o sanitário era uma lata de querosene. Sem falar nos gritos, perfeitamente audíveis, dos torturados nos interrogatórios, em salas próximas. Nem a incômoda lembrança o desanimou, fora repórter político de um grande diário, possuía relações influentes, chegaria ao coronel.

— Lembre-se de que, como as coisas estão, não vai ser fácil tirar você da cadeia... — concluiu o diretor do DIP.

Vale a pena ressaltar a duplicidade política desse indivíduo. Servindo ao governo em posto tão vital, mantinha inconfessáveis porém evidentes simpatias pela Inglaterra e pela França, protegia tipos tão comprometidos como esse Samuel Lederman, diretor de *Perspectivas*, mensário de circulação irregular, o último dos órgãos de imprensa registrados no DIP a possuir vago resquício de esquerda, por fim definitivamente proibido.

O CORONEL DESENCADEIA A GUERRA TOTAL E ESTABELECE CRITÉRIOS PARA AS ARTES PLÁSTICAS

DUPLICIDADE POLÍTICA, PROVA QUE O ESTADO NOVO NÃO ERA AQUELE BLOCO monolítico, posto a serviço do nazifascismo, dos sonhos do coronel Sampaio Pereira; restos de liberalismo putrefato corroíam o aparelho estatal. Não estava longe, porém, o dia em que apenas ardentes patriotas totalitários, arianos sem mácula, compusessem o governo. Dia belo e próximo da vitória final: rolariam cabeças, correria o sangue da

purificação. Inspirado, de pé junto ao quadro-negro onde está fixado o mapa da Europa, o coronel declama:

— Exterminaremos todos os inimigos, até o último. Sem piedade! — Fixa o jornalista com o olhar de verruma: — A piedade é um sentimento dos fracos, degradante. — O fero coronel movimenta os alfinetes de cabeça colorida, levando-os até à fronteira da França com a península Ibérica. — Concluímos a primeira fase da guerra, com absoluto sucesso; a Europa inteira nos pertence. O Führer, com seu gênio, fincou as bandeiras da cruz gamada no alto dos Pireneus. Na Espanha, temos o glorioso generalíssimo Franco; em Portugal, o nosso sábio doutor Salazar, cabeça que vale ouro.

Balanço efetuado na primeira fase da entrevista. O diretor de *Perspectivas* mantinha-se animado. Antes de examinar as provas tipográficas — matéria toda ela inofensiva, garantira Samuel —, o coronel quisera demonstrar a inutilidade de qualquer oposição ao nazifascismo e desencadeara a guerra total, a *Blitzkrieg*. Mas apesar dos exércitos, tanques, caças, bombardeiros, apesar dos mortos, dos prisioneiros, dos campos de trabalho e de extermínio, das vitoriosas bandeiras da suástica, o jornalista ainda não perdera a esperança de uma solução favorável — diante de tanta grandiosidade, que perigo pode representar uma pequena revista, reduzida à publicação de algumas reportagens, de prudentes artigos internacionais, sobre o New Deal norte-americano, por exemplo, de poemas e contos? O jornalista escuta, atento, não contesta as afirmações do coronel que, tomado de entusiasmo, passa a prever os dias vindouros, a iminente rendição da Inglaterra, e, depois... Uma pausa para fazer ainda mais solene a informação absolutamente segura, quem sabe provinda do próprio Alto-Comando alemão?

— Depois... Será a vez da Rússia comunista. Para nossas divisões blindadas — dizia “nossas divisões” com a maior naturalidade, não era o Brasil o aliado natural do Terceiro Reich na América do Sul? — um passeio pelas estepes, de uma ou duas semanas,

no máximo... A Rússia desaparecerá do mundo e o comunismo será erradicado da face da Terra!

Tendo conquistado a União Soviética e libertado o mundo do comunismo, o coronel voltou a sentar-se, marcial e satisfeito consigo mesmo. Lançou o olhar vitorioso para o outro lado da mesa, melhor dito da trincheira, a fim de se regalar com o espetáculo do inimigo aniquilado, constatando com surpresa que o miserável judeu não estava aniquilado. Surpreendeu-lhe um sorriso de troça nos lábios indignos e na voz um laivo de gozação:

— Uma semana, coronel? Olhe que é muita terra a atravessar... Napoleão...

— Cale-se!

O olhar de verruma fez-se malévolo e desconfiado, o coronel fechou a cara, Samuel arrependeu-se mas era tarde (“ai, teu caráter, Samy, ainda te causará desgostos”, previa Da beijando-o nos olhos). Depois de indigesto minuto de silêncio, o coronel segurou um punhado de provas tipográficas e, apenas começara a foleá-las, a indignação o dominou:

— O senhor é um cínico! Cada linha destila veneno... — demora-se nos títulos das matérias, nas fotografias, lê pequenos trechos: — Latifúndio, restos feudais, cangaço; pregação marxista, atreve-se a negar? Fotografias de favelas e negros... Não tem no Rio nenhum bairro decente que mereça ser fotografado? Os brancos acabaram-se todos?

— Reportagem sobre samba... — Samuca tenta explicar.

— Cale-se, já lhe disse. Arte moderna! Obscenidades, arte degenerada! O Führer, com seu gênio, proibiu essa nojeira. Coisas que tais desvirilizam uma nação, foi por isso que a França se prostituiu, transformou-se num país de efeminados.

Aqueles nus poderosos e violentos ofendem as noções estéticas do brioso coronel. Ele os repele com nojo autêntico, sincera repulsa, são o oposto do belo. O coronel admite o nu feminino “quando realmente artístico, pintado com inspiração e sentimento”.

Samuel aproveita a inesperada crítica de arte para recuperar-se do susto, pensa em restabelecer o diálogo. Mas não chega a falar,

pois o coronel perde de todo a cabeça e esbraveja diante de uma foto de página inteira do presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt:

— Só faltava isso! É o cúmulo!

— Mas, coronel, é o presidente...

— Presidente... Judeu a soldo do comunismo internacional, isso sim! Delano é nome judeu, não sabe? Pois nós sabemos!

Repugnado, solta a página onde sorri o abominável estadista, empunha o último maço de provas mas não tem tempo de indignar-se com o “Canto de amor para uma cidade ocupada”, do poeta Antônio Bruno, porque a campainha do telefone começou a tilintar. Linha privada, exclusiva, conhecida de raríssimas pessoas, usada apenas para assuntos graves e urgentes. O coronel largou as provas, levantou o fone, ainda exaltado, os olhos fulvos, a voz rachada. Em seguida, porém, revestiu-se de sua melhor imagem, a voz não apenas empóstada e calma mas gentil, deferente, quase aduladora. Deve ser, no mínimo, o ministro da Guerra, pensou o jornalista.

**ACADÊMICO LISANDRO LEITE,
ILUSTRE JURISTA
E GENEROSO AMIGO**

ENGANAVA-SE, NEM MINISTRO, NEM MEIO MINISTRO, SEQUER UM MILITAR. Quem se afanava ao telefone, gordo e suado, a cabeleira leonina, era o acadêmico, desembargador e catedrático Lisandro Leite — portador de todos esses títulos, tivera a maior dificuldade para obter o número da linha privativa do coronel.

— Antônio Bruno morreu hoje de manhã, coronel. Mas eu estava no tribunal, acabo de saber...

O coronel ouve a fúnebre (e auspíciosa) notícia, não consegue conter a excitação, impedir um sorriso. Mas logo se compõe, re-

colhe sorriso e alegria, afivela a compunção e o comedimento exigidos pela infesta (fausta, faustíssima) comunicação:

— O poeta Antônio Bruno? Faleceu?

— Temos a vaga, coronel!

— Grande perda para a literatura nacional. Bardo inspirado...

— Sem dúvida, sem dúvida, um poeta de mão-cheia. — Lisandro Leite interrompe o eloquente epitáfio. Afinal, não se obstinara contra a grosseira recusa de cabos e sargentos que lhe negavam as ligações pedidas, não movimentara meio mundo até conseguir o número secreto para ficar ouvindo lugares-comuns; ainda não chegara a hora do discurso de posse: — ... Guarde esses belos conceitos para o discurso, coronel.

— Como disse? Discurso?

— Temos a vaga, coronel! — Dava a notícia com a ênfase de quem oferta um presente raro, de incalculável valor. Sim, não fizera todo aquele esforço apenas para comunicar a morte de um poeta, colega da Academia. Devotado e generoso, vinha presentear seu ilustre confrade e amigo, o coronel Agnaldo Sampaio Pereira, com a vaga aberta, com a imortalidade. Mas o coronel necessita agir com presteza, não pode perder um momento, tem de entrar em ação imediatamente. Imediatamente!, repete.

Membro da Academia havia mais de dez anos, Lisandro Leite, “preclaro cultor das letras jurídicas”, considerava-se especialista em eleição acadêmica, familiar das sutilezas, das manobras, dos golpes da estratégia e da tática capazes de conduzir à vitória os seus favoritos. Sagaz patrocinador de candidatos, de cada pleito retirava sempre alguma vantagem. As más-línguas, que existem em toda parte, inclusive nas academias, afirmavam dever o douto professor de direito comercial boa parte de sua rápida carreira de magistrado a essas vagas tão cobiçadas, “subindo na vida à custa dos mortos”. Se tais comentários chegaram a seus ouvidos, não o incomodaram, prosseguia imperturbável seu caminho. Blandicioso, com amigável autoridade, traça a linha de conduta a ser adotada pelo aspirante:

— É preciso que os acadêmicos tomem conhecimento incontinenti de sua candidatura, saibam que a vaga é do ilustre amigo.

Impávido, destemido, agressivo à frente das tropas de repressão ao vil e traiçoeiro inimigo interno, todavia na hora de acometer, iniciando a luta pela imortalidade, imprevista timidez assalta o coronel. Gagueja, possuído de dúvidas:

— Ir logo à Academia? Daqui a pouco? O corpo está sendo levado para lá? Hum... não sei... Não é melhor esperar a hora do enterro? Não lhe parece mais consonante...

Os olhos redondos e ingênuos do coronel pousam no jornalista, a quem esquecera por completo, desagradável testemunha. Cobre o bocal do fone com a mão, ordena:

— Vá-se embora!

Samuel Lederman, Samuca para os amigos, Samy para Da, sua mulher, ainda insiste — sem esperanças, mas o dever, ah!, é necessário cumpri-lo até o fim:

— E a revista, coronel? Liberada? (“Campeão de causas perdidas, isso é o que tu és, Samy”, a voz de quebranto de Da.)

Fuzilam os olhos do coronel, aqueles olhos de verruma:

— O quê? Ainda se atreve... fora daqui, antes que me arrependa e mande metê-lo no xadrez.

Derrotado, o jornalista recolhe as provas, a entrevista não produzira os resultados esperados; a proibição de *Perspectivas* fora mantida e seu diretor escapava da cadeia por acaso — Samuca nunca mais permitirá que em sua frente falem mal da Academia, benemérita instituição.

Atravessando os sombrios corredores, as provas inúteis metidas no bolso do paletó, o pequeno jornalista Samuel Lederman lastima a morte do poeta Antônio Bruno, com quem falara uma única vez e cuja ode para a cidade de Paris ocupada pelos alemães, canto de luta e de esperança, continuaria inédita em letra de forma. Como muitas outras pessoas, Samuca sabe de memória trechos inteiros do poema e os relembra. Emerge pouco a pouco da derrota, mais poderoso é o sonho que nos é dado sonhar: mais dia menos dia, a deficitária, perseguida, con-

denada revista se transformará em jornal diário, nervoso e vivo, grandes reportagens, colaboradores famosos, nacionais e estrangeiros, livre debate de ideias, algo inédito na imprensa do país. Quando Paris for libertada e houver democracia no Brasil. (“Tu és incorrigível, Samy...”)

PERSPECTIVAS OTIMISTAS E EXCLAMAÇÃO LATINA

— REPITA, POR OBSÉQUIO, DESEMBARGADOR, NÃO OUVI BEM. DIZIA QUE...

Livre do maldito espião judeu, livre para expressar no rosto a emoção incontida, o coronel escuta, alvoroçado. Balança a cabeça em concordância com as afirmações do experiente cabo eleitoral. “Não é hora para protocolos, ilustre amigo, a hora é de ataque. O fundamental é não perder tempo, é avançar, ocupar a posição, impedir que outro se mostre antes, comprometa votos. Os pretendentes são muitos...” Certamente para valorizar seu empenho e seus conselhos, para impor seu indispensável comando, também Lisandro Leite emprestou, desde o início, características de batalha ao pleito de hábito renhido porém pacífico. “Investir quanto antes, meu amigo, eis a boa tática para colocar as bases de uma vitória espetacular. *Alea jacta est!*”

O coronel não discute, repete “*alea jacta est!*”.

— Confio no caro amigo, comprehendo suas razões. Farei como disser, entrego-me por completo em suas mãos.

Outra coisa não deseja o eficiente jurista senão conduzir o coronel à vitória. Tarefa fácil, aliás. Impossível candidato de maior prestígio, contando com o apoio das figuras mais poderosas do régimen, com trânsito livre... Tão livre assim? Haverá quem queira discutir, torcer o nariz, argumentando com as posições políticas do candidato, mas nenhum irá além do resmungo, terminando todos por engolir a pílula e comparecer com o

voto. Eleição líquida e certa. Após elegê-lo, vestir-lhe o fardão, pronunciar-lhe o elogio no discurso de recepção... Sim, porque seria a maior das sacanagens se o coronel escolhesse outro para recebê-lo... A sala repleta de generais, ministros, quem sabe o próprio chefe do governo, embaixadores, damas da alta sociedade, a elegância dos vestidos, os decotes, as joias, as condecorações, os crachás, aquele luxo, aquela beleza toda (sem falar nos fotógrafos) e depois...

Ah! depois colher a merecida recompensa: a primeira vaga no Supremo Tribunal Federal, pois, como se sabe, uma mão lava a outra. Toma lá a Academia, coronel, dá cá o Supremo.

Desdobra-se ao telefone em ideias e sugestões, o suor escorrendo pelo rosto. “Rábula terrível”, segundo seus colegas de magistratura. Rasga perspectivas, amplia horizontes, a voz melíflua, persuasiva. O coronel embriaga-se de entusiasmo:

— É claro que sim. Minha candidatura terá todo o apoio do Exército. Total. O ministro? Fará tudo que seja necessário, tudo. Como disse? Sim, é isso mesmo, tem toda a razão: a candidatura me é imposta pelo Exército, atualmente sem representante na Academia. Um absurdo, realmente. O prezado amigo diz muito bem: uma imposição da classe.

O catedrático prossegue, desencava na história da Academia o argumento decisivo, irrespondível. Que cabeça! O coronel sente-se praticamente eleito:

— Exato, desembargador, exatíssimo. Não tinha pensado nisso...

— Pois assim é, meu nobre amigo, essa cadeira pertence ao Exército, sempre pertenceu. O patrono, os primeiros ocupantes... Sua eleição significará a retomada de uma tradição rompida com a eleição do Bruno.

Tradição, palavra grata ao coronel. Sente-se eufórico. Lízandro Leite conclui com uma última e auspíciosa previsão.

— Candidato único? Acha possível, querido amigo?

“Ora, meu bravo coronel, não seja ingênuo. Na atual conjuntura, nacional e internacional, quem nesse país terá coragem de concorrer com o onipotente chefe das Forças de Segurança? A

própria loucura tem limites”, pensa Lisandro Leite enquanto enxuga o suor, sorri e promete:

— De minha parte, farei o possível e o impossível para que assim seja. Candidato único e eleição unânime, meu nobre coronel.

CONSIDERAÇÕES PERFEITAMENTE DISPENSÁVEIS

HAVERÁ SENTIMENTO MAIS ONIPOTENTE,
A DOMINAR O CORAÇÃO dos homens, do que a vaidade? Mestre Afrânio Portela dizia que não e o provou no decorrer do pleito.

Tomar assento na ilustre companhia, ser um dos quarenta imortais, envergar o fardão com debruns de ouro, a mão pousada no punho do espadim, o borceque sob o braço, acomodar os ossos ou a banha na poltrona de veludo, ah!, para consegui-lo os cidadãos os mais respeitáveis, as personalidades as mais poderosas, sujeitam-se a tudo: o violento torna-se gentil, o arrogante apresenta-se humilde, o avarento vira perdulário, esbanja em flores e presentes. Contado, não se acredita; é preciso ver. Eis aí tema e mote para muita filosofia barata e algumas divertidas anedotas. Infelizmente, falta-nos espaço e tempo.

Tome-se o exemplo do coronel Agnaldo Sampaio Pereira: tendo o poder das armas e da polícia, mandando e desmandando, senhor de cutelo e baraço diante de quem até os ministros tremem, não se sente plenamente realizado, falta-lhe a Academia. Ambição antiga, dos tempos dos primeiros (e renegados) versos, ilusão a acompanhá-lo vida afora.

Certa ocasião, abrira-se com Lisandro Leite, solícito coestaduano. “É preciso aguardar ocasião propícia”, explicara o jurista, valorizando as dificuldades do empreendimento. De quando em vez trocavam ideias sobre o assunto. “Está amadurecendo”, informava o acadêmico, referindo-se à candida-

tura. Há uns seis meses atrás anunciara: “As condições atualmente são ótimas, temos todos os trunfos. Falta-nos apenas a vaga”. Deram um balanço na idade e na saúde dos imortais, com saldo otimista: alguns deles não tinham imortalidade para muito tempo. O grande Pérsio Menezes, por exemplo, atacado de câncer.

Membro da Academia Brasileira, empedernida quimera. Sinal de que mesmo um chefe guerreiro, estoico ariano em plena batalha pela conquista do mundo, pode acalentar um sonho com a mesma sofreguidão de reles jornalista subversivo e judeu.

O ANIMADO VELÓRIO

PERTURBADOR REBULIÇO FEMININO, OH!
INCORRIGÍVEL BRUNO, QUE FIZESTE da seriedade da morte,
da severa contenção, do austero silêncio, da obrigatoria representa-
ção da dor?

Bem que os acadêmicos, ao descer dos automóveis, se revestiam da compostura exigida, mas quem consegue permanecer compungido e grave tendo de beijar a mão de damas encantadoras, conversar frivolidades, ouvir histórias galantes, recordar versos ardentes em meio a uma parada de elegâncias?

Velório? Havia o defunto, é verdade, no catafalco erguido no vestíbulo da Academia. Por demais belo, o ar inconsequente, apesar da dignidade do fardão, defunto pouco à altura de seu fúnebre papel, cúmplice, se não responsável, por tamanha falta de contrição e respeito. Sim, porque essa burla fora prevista e sugerida pelo próprio poeta, como se comprova ao ler o “Testamento e velório de um tal Antônio Bruno, trovador e vagabundo três vezes morto por excesso de amor”, versos antigos mas de persistente presença, nos quais o vate escarnece da morte e propõe festa em lugar de luto no acompanhamento de seu corpo.

Assim aconteceu. Lágrimas e risos, mais risos do que lágrimas.

mas, pedira no poema. Mulheres lindas e loucas, “quero ouvir o cristal de vossa gargalhada”. Vestidos de festa, “quero perceber a maciez do seio no decote”. As que ali estavam conheciam o poema, estrofe por estrofe, algumas o sabiam de memória. “Venham todas, a que me fez sofrer e aquela que apenas me sorriu na rua...” Vieram todas e nos suspiros havia, como ele solicitara, o dissoluto, “o arrulho dos ais de amor nas madrugadas em festa”.

O saguão repleto. Acadêmicos, escritores, algumas autoridades, gente de teatro e rádio, diplomatas, artistas plásticos, pessoas do povo, simples leitores. O desembargador Lisandro Leite, ao chegar, posou para os fotógrafos, junto ao esquife, pronunciou algumas frases (lapidares) ao microfone de uma estação de rádio. Desapareceu em seguida, pela porta da secretaria, arrastando o presidente, aos cochichos.

Na graça das mulheres feneceu a compunção fingida, a máscara postiça da morte. Apenas os sentimentos reais permaneceram intacatos, o amor no desfile das formosas, a estima dos colegas, alguns dos quais tinham sido amigos fraternos, a admiração dos leitores, muitos e, na maioria, jovens. Até mesmo aquele odor de flores murchas e machucadas, fatal em todos os velórios, anúncio da decomposição próxima, fora expulso pelos perfumes raros, excitantes.

ÁRIDA EXPLANAÇÃO SOBRE A POESIA

DEFINIÇÕES VARIADAS MERECERA DA CRÍTICA A POESIA DE ANTÔNIO BRUNO. Mas o título que o acompanhou a partir do livro de estreia, repetido pela imprensa e pelo público, título caro a seu coração, foi o de “poeta dos namorados. Todos os namorados leem seus versos; aos dezoito anos somos todos seus leitores mas as mulheres o são durante a vida inteira”, assinalou um ensaísta, em análise extensa e simpática, quando do lançamento das *Poesias escolhidas*. Certos críticos, pou-

co afeitos a obras e autores populares, acusaram sua poesia de fácil e anedótica, mas os leitores encontravam nela a revelação de um universo ao mesmo tempo real e mágico, onde o cotidiano, as insignificâncias do dia a dia, fatos aparentemente sem importância, o beco e a cor do céu, o gato na janela e a flor do cacto, adquiriam nova dimensão, um halo de mistério.

Súbita e emocionante descoberta: a rua e o orvalho, as nuvens e o crepúsculo, a noite imensa, paisagens, objetos, sentimentos. A fome de uns lábios, o arfar de um colo, a impudica geografia de um corpo desvestindo-se, a ânsia, a violência, a doçura do amor. Poesia com cheiro e gosto de mulher e, ao mesmo tempo, repleta de Brasil: celebrou as árvores e os pássaros, os rios e o mar, os bichos e os costumes brasileiros. Mas o amor foi o tema maior de seu canto, no coração do poeta não coubera o ódio.

Jornalista, funcionário do Ministério da Justiça, jamais juntara dinheiro nem possuía bens, gastando quanto ganhava e quase sempre mais. Ainda rapazola de dezenove anos incompletos, participaria de uma excursão de férias à Europa, com colegas da Faculdade de Direito. Pareceu-lhe absurdo demorar-se apenas uma semana em Paris, ficou três anos. Para obrigá-lo a voltar, o pai cortou-lhe a mesada mas ele sobreviveu, eufórico e guloso de tudo que Paris lhe oferecia. Confidenciava aos amigos que exercera, entre outras, a honrada e gratificante profissão de gigolô, dançarino a soldo de velhas milionárias, “adoráveis velhinhas”. Familiar dos cafés literários, dos buquinistas do Sena, aprendeu as sutilezas do vinho e dos queijos, e quando regressou trouxe na bagagem os originais do livro de estreia, *O dançarino e a flor*, de sucesso fulminante.

Voltou a Paris sempre que lhe foi possível. Já quarentão, lá pudera demorar-se por mais dois anos, graças a certo ministro do Exterior, seu contemporâneo, que lhe obtivera um encosto na Embaixada, com vagas obrigações culturais. O antigo fascínio cresceu. Para ele, Paris era a mais alta conquista do homem, cidade incomparável, pátria do humanismo, da beleza, da liberdade. De retorno, consagrou-lhe todo um volume: *Paris amor Paris*, aberto com uma

epígrafe de Jacques Prévert, a quem conheceu e de quem se fizera amigo: *Tant pis pour ceux que n'aiment ni les chiens ni la boue.*

Um crítico, considerado erudito, classificou-o de “Prévert brasileiro”, em apreciação leviana, pois faltava à poesia de Bruno o interesse pelo fato social e político tão presente na obra do francês. Nunca teve a ver com a política, nem mesmo quando um governador de seu estado natal, querendo beneficiar-se com a popularidade do poeta, ofereceu-lhe lugar na chapa de deputados federais. Recusou, mantendo-se distante de qualquer compromisso. A instalação, em 1937, da ditadura do Estado Novo o desgostou mas não assumiu qualquer atitude de protesto. Andava às voltas com o discurso de posse na Academia. Fora eleito meses antes, derrotando um parlamentar de oratória inflamada e um médico de renome científico e ambições literárias, sucedendo a um velho general, sertanista apaixonado, autor de áridos porém abalizados estudos sobre os idiomas e os costumes dos indígenas brasileiros.

Os intelectuais de esquerda, em mais de uma ocasião, criticaram o poeta Antônio Bruno pela falta de engajamento de sua poesia num mundo dividido, injusto e conturbado onde outros poetas amargavam o exílio ou morriam fuzilados.

O POETA DESCE DA TORRE DE CRISTAL PARA SER EXECUTADO EM PARIS

QUANDO, PORÉM, OS NAZISTAS DESENCADEARAM A GUERRA, O POETA BRUNO saiu do casulo, sentindo finalmente ameaçados seu universo, a civilização, a liberdade, tudo quanto amava. “Desci da torre de cristal, o cristal estava embaçado, impedia-me de ver o mundo”, disse, numa espécie de autocritica, em discurso pronunciado na Academia. Passou a acompanhar os acontecimentos com crescente paixão, vivendo e sofrendo cada detalhe do conflito.

Nem por um momento duvidou da vitória dos exércitos aliados. Nem mesmo quando a Wehrmacht penetrou na França — os soldados franceses eram invencíveis. A derrota o tomou de improviso, desprevenido. Foi terrível, tudo desmoronou em seu redor, previsões e entusiasmo foram substituídos pelo desalento total, viu-se cercado de ruínas, perdeu de repente e por completo a segurança e o gosto de viver. A queda de Paris provocou-lhe um enfarte.

Ainda no hospital, escreveu lancinante poema. Pela primeira e única vez, a doce saga de amor cedeu lugar ao canto de guerra, estrofes de fogo e sangue, de insulto e praga, anátema contra Hitler e seus sequazes. Roto pela humilhação e sofrimento da cidade bem-amada, pátria da civilização e do humanismo, esmagada sob as botas nazistas, o poeta Bruno, no entanto, ergueu-se inesperadamente do leito de enfermo e, superando a desesperança e o desgosto de viver, previu e anunciou o dia próximo e iniludível da libertação, quando Paris, a alegria e o amor ressurgiriam.

Assim, o “Canto de amor para uma cidade ocupada” concluía com ardente apelo ao prosseguimento da luta até à vitória final. Estranho alento, entusiasmo inexplicável partindo de quem deixara de acreditar na vida.

A verdade é que a parte final do poema fora completamente reescrita. Na versão primitiva, o poeta despedia-se, suicida; recusava-se a viver num mundo monstruoso. Mas quando viu lágrimas nos olhos daquela que arriscava a segurança e a honra para visitá-lo, clandestina e aflita, iluminando as trevas, repelindo a dor e a morte, Antônio Bruno, que nada lhe podia negar, simulou compartilhar de sua militante e pertinaz certeza, riscou os versos atrozes de desespero e desencanto, compôs novas estrofes, as da resistência e da vitória. Eram de sua autoria aqueles versos largos, densos e heroicos, mas a inspiração provinha da frágil e intrépida visitante que os impusera com seu encantador acento de além-mar. Bruno confiou-lhe o original do poema e ela, às escondidas, datilografou as primeiras cópias.

Levado para publicação no suplemento literário de um dos grandes diários do Rio, a censura (ou a autocensura) o vetou por “insultuoso a chefe de nação amiga”. Apesar disso, em alguns poucos dias, o poema ganhou extensa circulação e vasta popularidade. Passava de mão em mão, em cópias mimeografadas; impresso em volantes, atingiu rapidamente os mais longínquos pontos do país.

Nem sequer o sucesso do “Canto de amor para uma cidade ocupada” conseguiu manter o ânimo do poeta. A esperança e o alento contidos no poema, dos quais se nutriam milhares de brasileiros, não sustentaram seu abalado coração. Quando o diretor de *Perspectivas*, revista cuja existência Antônio Bruno desconheceria até então, viera pedir autorização para publicar o poema engajado e maldito, ele apenas encolheu os ombros:

— De que valem versos contra os canhões e a bestialidade? Publique, se quiser, se permitirem. Não há mais lugar para a poesia no mundo. Nem voltará a haver.

Dez dias depois, em manhã diáfana, o sol iluminando o perdido estúdio parisiense, o poeta tombou, executado.

O SUSPIRO, A ROSA,
O BEIJO, A DAMA DE NEGRO,
O CORONEL E
A MORTE FINALMENTE

— SE HOUVESSE MÚSICA, PODER-SE-IA DANÇAR... — COMENTOU, NUM meio sorriso, mestre Afrânio.

Ouvinte silenciosa, a senhora de beleza fanada deixou escapar um suspiro à súbita recordação do bal masqué. O eminente e truculento Evandro Nunes dos Santos concordou, a voz rouqueira de fumante inveterado:

— Não me admiraria se Bruno se levantasse e mandasse ser-

vir champanha a todo mundo. Assim o vi fazer em Paris, mais de uma vez...

Dois velhos letrados, comovidos. Em derredor do esquife, onde repousavam o poeta e sua legenda de boêmio sem-par, de sedutor irresistível, prosseguia aquela agitação de mulheres, tantas. Loiras, morenas, uma ruiva com sardas, elegantes quarentonas e moças em flor, adolescentes em uniforme de colegial, versos copiados nos cadernos de matemática, a grande atriz e a costureirinha com a rosa na mão.

Adiantou-se a tímida costureirinha e colocou a rosa sobre os brocados do fardão — rosa de cobre, rosa de mel, rosa menina. A grande atriz curvou-se, os olhos molhados; beijou a testa fria, contemplou em derradeiro adeus o perfil romântico, “romântico perfil de beduíno” — o poeta proclamava-se descendente de xequês do deserto, corria-lhe realmente nas veias sangue mouro. O avô materno, Fuad Maluf, quando abdicava do metro e da tesoura, compunha poemas em árabe. Lembranças de um tempo passado, de um outro adeus, fizeram arfar o colo da diva e ela se afastou, sufocada pelo fogo devorador da primeira paixão, quem sabe a única verdadeira em sua agitada vida amorosa. Ficara marcada para sempre.

Formara-se um grupo em torno dos dois amigos. Evandro Nunes dos Santos tomou do lenço, limpou o pincenê e os olhos ardidos. Contava fatos recentes, acontecidos havia uns quantos anos, pertenciam no entanto a uma época extinta:

— Cobrava uns dólares na Embaixada, não era sequer funcionário regular, mas todos o tratavam como se fosse ele o embaixador. Passei três meses em Paris, nessa ocasião, e saímos juntos todos os dias. Não creio saber de alguém que amasse tanto uma cidade. Paris lhe pertencia. Amigo mais encantador...

Ainda comovida, a grande atriz juntara-se ao grupo:

— Devo-lhe minha carreira. Pisei no palco levada por ele, era o ser mais generoso... — devia-lhe infinitamente mais, se pudesse contaria os detalhes e seria grato fazê-lo.

Mestre Afrânio confirmou:

— O amigo perfeito... — o sorriso apagou-se nos lábios trêmulos: — Quem o matou foi a guerra, Hitler. Ainda na quinta-feira, recebera notícias de um casal francês, de sua amizade. Estavam desesperados: o filho único, de vinte anos, tomado como refém, acabara de ser fuzilado pelos alemães. Bruno me disse: “Não suporto mais”.

Calou-se, refletindo como a vida se tornara amarga e como o horizonte se estreitara. Percorreu a assistência com os olhos e então a viu chegar, toda de negro, rosto semiencoberto pelo véu de luto, jamais tão bela — ela viera apesar de tudo, desprezando seus conselhos. Furtiva, aproximou-se do catafalco. Mestre Afrânio observou-a: rígida, apertando as mãos cruzadas, lívidos os dedos longos e finos antes de se esquivar para um abrigo de cortinas. “É uma deusa, mestre Afrânio, desceu do Olimpo, não a mereço, sou apenas um louco jogral...”

O desembargador Lisandro Leite surgiu da sala da secretaria, suarento e nervoso, atravessou o saguão, foi até a porta de saída espiar a rua. O presidente da Academia, Hermano do Carmo, juntou-se ao grupo e à louvação do falecido. Então, em meio ao bulício do velório, escutou-se, distintamente, a modulada e clara voz da grande atriz dizendo em surdina versos de Bruno, versos talvez escritos para ela. Lisandro Leite parou para ouvi-los mas em meio a uma estrofe precipitou-se para a porta.

Aqueles passos firmes, uniformes, ressoando alto, eram inconfundíveis, nenhum civil saberia pisar assim. O coronel Agnaldo Sampaio Pereira, todo ele em parada fúnebre, marchou para o caixão, juntou ruidosamente os calcanhares, colocou-se em posição de sentido diante do acadêmico morto, bateu-lhe continência (e a repetiu para os fotógrafos).

— Meu Deus... — gemeu Afrânio Portela.

De repente foi o silêncio, o frio silêncio. Calou-se a voz da atriz, rompeu-se a poesia. Imóvel, em posição de sentido, o coronel demorou-se um infinito minuto. Depois, deu meia-volta volver, cumprimentou o presidente, “grande perda para a literatura brasileira”, repetiu para os acadêmicos, saudou algumas

pessoas gradas. A seu lado, triunfante e protetor, o ilustre desembargador Lisandro Leite.

Atendendo a repetido sinal do jurista, e um pouco contrafeito, o presidente convidou o coronel a subir ao primeiro andar. Dirigiram-se para o elevador, Lisandro Leite arrebanhou de passagem dois senhores acadêmicos. Os demais vacilaram, sem saber se ir ou não. “Temos candidato”, considerou um deles; outro completou: “E que candidato!”.

— Meu Deus! — repetiu mestre Afrânio.

Evandro Nunes dos Santos repôs o pincenê:

— Não é possível! — Menos do que uma negativa, era aflita indagação.

A dama de negro saiu do recanto de cortinas e, abandonando toda e qualquer discrição, andou em direção aos dois amigos, estupefata e indignada: que significava a presença daquele tipo no velório? Teria, por acaso, pretensões?

Já não se restabeleceu no vestíbulo a trêfega atmosfera quase de festa, exigida pelo poeta, na qual a dor e a saudade eram reais e vivas e não máscaras de circunstância, postiços sentimentos. Terminou o alvoroçado bulício, não mais se ouviram risos, voz álacre, incorrido suspiro, murmurado verso de amor. O louco jogral abandonara o esquife, onde permaneceu apenas o cadáver de um acadêmico pronto para o cemitério.

Agora, palavras medidas, frases solenes, faces contritas, cheiro apodrecido de velas e flores, o frio silêncio — por fim imposto o ritual da morte.